

SIGNOS DO SERTÃO

Elisabet Moreira (PE)

Presidência: José Fernandes (MS)

“Um corajoso vaquero,
De coro todo trajado
Correndo intusiasmado
Nas mata do tabolero
Atrás do boi mandiguero
Que não respeita oração,
Derrubá o bicho no chão
Dentro da jurema preta,
Amarrá e botá careta,
É coisa do meu sertão.”

Patativa do Assaré
 (“É coisa do meu sertão”, in *Cante lá que eu canto cá*, Petrópolis,
Vozes, 1980, p. 70)

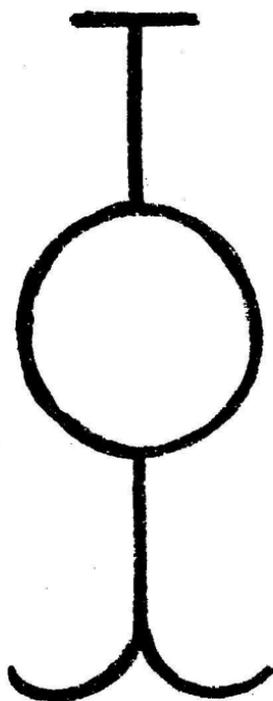
“Também a terra não se vende-
rá em perpetuidade, porque a
terra é minha; pois vós sois
para mim estrangeiros e pere-
grinos.”

Levítico 25, 1-34

“Pastar nos grandes prados do
visível.”

Murilo Mendes

(in *Poliedro*, Rio, José Olym-
pio, 1972, p. 140)



Essa foi a origem. Meu interesse por coisas da região, identidade sanfranciscana, sempre me motivou a refletir sobre elas e buscar compreender, na verdade dos costumes e usos, um pouco da sabedoria sertaneja e de sua arte primitiva (ou quase).

Nada mais que um ferro de marcar boi. Estranho. Estranhei. Onde as iniciais do dono, semelhança visual que é a referência lógica, usual?

Nem tanto. Depois vim a saber.

Um amigo, dono de várias roças, tinha uma delas com o nome, já herdado, de Lagoa do Meio. Entretanto, aconteceu lá um acidente com seu filho menor, que quase ia morrendo afogado no açude. Por causa disso ele mudou o nome da roça para “Ressurreição” e a marca do ferro para um pequeno sol, pois este significa a vida, a luz.

Também encontrei a minha.

Estudos posteriores confirmaram a pista inicial para a qual Roberto Benjamin me alertara, a partir dessas inquirições.

“A compreensão da cultura como informação intermina alguns métodos de pesquisa. Ela permite examinar tanto etapas isoladas da cultura

como todo o conjunto de fatos histórico-culturais na qualidade de uma espécie de texto aberto, e aplicar em seu estudo métodos gerais da Semiótica e da Linguística Estrutural.”¹ ☞

Assim, este trabalho não pretende ficar pois como um simples registro das marcas de gado do sertão nordestino, espaço a que me limitei já que é de muitos espaços, daqui e além-mar, e de muitas idades. Minha pretensão não implica também em nenhuma resposta definitiva, mas numa abertura inter-semiótica: um feixe de possibilidades.

Primeiro as investigações. *In loco*, pesquisas: vaqueiros, fazendeiros, ferreiros, gente honesta e boa a dar informações. E ferros, muitos ferros.

Uma raridade: o Livro de Registro de “ferros, marcas e signaes” da Villa de Petrolina, dos anos de 1872 e 1873. A disposição na Biblioteca Municipal da agora cidade.

Ariano Suassuna, no seu romance *A Pedra do Reino*² utiliza-se de alguns desenhos, típicos de ferros, e faz alusões a estes e sua simbologia. Com a devida licença: “. . . é que, na espádua esquerda de Dom Pedro Sebastião, tinham ferrado, a fogo, um ferro desconhecido e que não é nenhum dos ferros familiares de ferrar boi do Sertão da Paraíba! Eu sei, porque no nosso “Instituto Genealógico e Histórico do Sertão do Cariri” temos um arquivo e registro desses ferros, arquivo que eu organizei por sugestão do Doutor Pedro Gouveia!

— Você ainda se lembra como era o ferro?

— Me lembro como se fosse hoje, Excelência! Era uma espécie de lua, ou melhor, para ser mais fiel à nobre Arte da Heráldica, um crescente, com as pontas viradas para cima e encimado por uma cruz.

— A marca do ferro na espádua de seu Padrinho era recente?

— A queimadura era recentíssima! Quando a gente entrou na torre, sentia-se ainda a catanga meio fumaçada e polvorenta de carne de bicho ferrada!

— E não havia nenhum sinal do fogo onde esquentaram o ferro?

— Nenhum, Excelência! eu não já expliquei que no aposento elevado da torre da capela não havia nada, a não ser o sino?”

Essa pista, esse sino, também não representa/simboliza o signo/adinha que invoca Pedro Quaderna um pouco antes: “Para o meu enigma, portanto, só um Decifrador brasileiro e de gênero!” (p. 293)

Guimarães Rosa em *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*³ também “ferra” o seu personagem-título:

“E, aí, quando tudo esteve a ponto, abrasaram o ferro com a marca

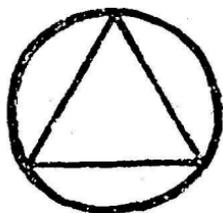
1 — LOTMAN, Júri M., “Sobre o Problema da Tipologia da Cultura” in *Semiótica Russa*, São Paulo, Perspectiva, 79, p. 32).

2 — SUASSUNA, Ariano, *Romance D'A PEDRA DO REINO e O Príncipe do Sangue do Vai-E-Volta*, Rio, José Olympio, 76, p. 294).

do gado do Major — que soía ser um triângulo inscrito numa circunsferência —, e imprimiram-na, com chiado, chamusco e fumaça, na polpa glútea direita de Nhô Augusto. Mas recuaram todos, num susto, porque Nhô Augusto viveu-se, com um berro e um salto, medonhos.”

Realmente é aí que o personagem “viveu” pois ao cair num abismo, bem dentro da simbologia roseana, inicia-se também a nova fase da vida do pecador Matraga, purgando o seu passado.

Comparando-se os dois ferros, de Suassuna e Rosa, todo um trabalho da simbologia desses signos deve ser ressaltado.



É claro que a função literária, artística, perseguida por ambos os escritores vai além da simbologia popular. Mas não há dúvida que os extremos se atraem e se tocam, numa dialética já tão discutida e tão fundamental para se entender a dinâmica da própria arte: as relações do erudito e do popular.

Temos todas figuras místicas. O triângulo, na concepção católica, representa três pessoas divinas numa só. E quem “cura” Matraga são três: o casal de pretos e o padre. A circunsferência, o círculo, não é menos simbólico e mágico: sem princípio nem fim, tem uma energia poderosa. Protege de espíritos maus além de envolver e prender a energia mágica que, em rituais antigos, é necessária para a concentração.

Encontrei exatamente essa figura, acrescida de outros detalhes simbólicos, como foi retirada de um livro do século XVI, “O Verdadeiro Dragão Vermelho”⁴. Guimarães Rosa era um grande estudioso de magia, mitos, superstições e sabemos como tudo em suas obras é intencional e passível de leituras sígnicas.

Interessante observar também que, a nível de intertextualidade, em *O Vale do Terror*⁵, de Conan Doyle, onde Sharles Holmes enfrenta a astú-

3 — ROSA, J. Guimarães, *A Hora e a Vez de Augusto Matraga* in Sagarana, Rio, José Olympio, 76, p. 335).

4 — *A MAGIA DOS SÍMBOLOS, O Círculo*, in *Homem Mito e Magia*, São Paulo, Ed. Três, 1974, Vol. I, p. 140/141.

5 — DOYLE, Conan. *O Vale do Terro*, São Paulo, Melhoramentos, 1982.

cia de seu célebre inimigo o Prof. Muriarty, o primeiro morto da história também tem o antebraço ferrado com o mesmo e idêntico sinal usado por Rosa. E lá, como cá, embora com as devidas diferenças, a marca era o símbolo de uma associação de criminosos — espécie de Máfia — que no início só fazia o bem, mas que se degenerou. Elementar a relação?

No texto **A Hora e a Vez de Augusto Matraga** esse ferro é a própria marca do pecado, é a violência não só física, mas o estigma do mal. Oú do bem? A marca de Deus ou do Diabo? O Major representaria o quê, ao lançar Nhô Augusto na desgraça ou salvação? Poderíamos separar com nitidez esses limites?

Também Suassuna não deixa por menos. Estudioso da cultura popular, do medievalismo delas, nossos heróis do sertão se movimentam num tempo e espaço todo simbólico. Novelas de cavalaria, cordel, cruzadas, honra, superstições, se mesclam no seu texto.

E por isso não estranhei quando, entrevistando gente mais antiga, falou-se das superstições.

Como ferrar somente na lua nova ou cheia para a reprodução do rebanho. E cruz para livrar da peste. Tudo nas raízes de uma tradição.

Na “planta de ferro”, criação do dono ou do ferreiro, esclareceu-me, velhinho e doente, Pedro Brás, grande artista na afirmativa geral, que o saber do ferreiro é fundamental. Para não “empastar” na hora da ferração, para não ser igual a outro, para a Arte.

Dono, se gosta, pode fazer bule, bota, “moldura” que quiser. Até mesmo um ferro, em Carnatba, Ba., na forma insólita de uma garrafa. Mas seu dono é um beberão contumaz.

Mas, usual mesmo, é partir das letras. Em geral uma letra básica.

Gustavo Barroso em **Terra do Sol** já nos dera também algumas informações sobre esse costume e uso. Época de marcação, lugares onde ferrar, marcas e “enfeitizinhos” mais usuais. O mais ressaltado, no entanto, é o aspecto típico e folclórico.

Outros registros ficaram apenas como registro, pelo que pude apurar. Daí alguns:

“Nº 31 Registro de ferro e signal de gados e animais de Antonio Rodrigues de Bonfim e seus filhos moradores na fazenda Malhadinha deste Termo.

Ferro de gado e animaes



Antº Rois do Bomfim
No lado direito, e esta
divisa no lado esquerdo.

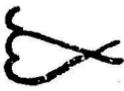


ou esta



Signal Na orelha direita forquilha, levada por baixo com uma mossa atrás, e levada por cima.

Filhos

- Ferro  Hermogenes
No lado direito, e esta divisa  no lado esquerdo.
- Signal O mesmo que usa seu pai.
- Ferro  Maria
No lado direito, e a mesma Divisa no esquerdo.
- Signal O mesmo que usa seu pai.
- Ferro  Raimundo
No lado Direito e a mesma Divisa no esquerdo.
- Signal O mesmo que usa seu pai.
- Ferro  José
No lado Direito e a mesma Divisa no esquerdo.
- Signal O mesmo que usa seu pai.
- Ferro  Hermenegildo
No lado Direito e a mesma Divisa no esquerdo.
- Signal O mesmo que usa seu pai.

Secretaria da Comarca Munal da Villa de
Petroлина.

13 de maio de 1872.

O Secretário

Esmeraldo Cupertino de Aragão

(Como caligrafado no “Livro de Ferros”, p. 15/16).

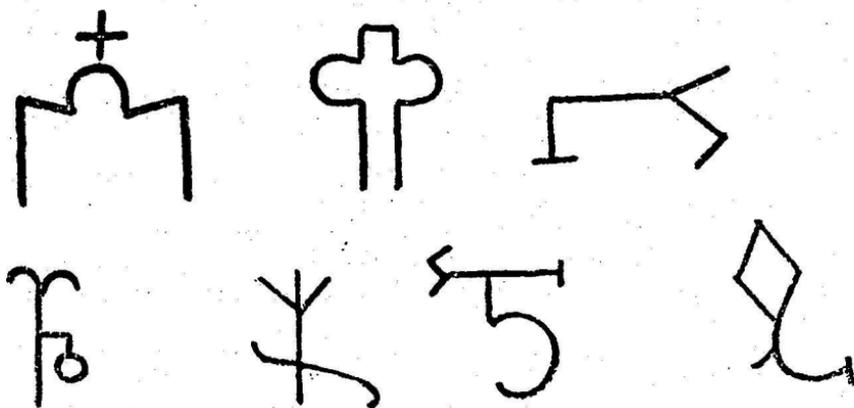
Em observação: a forma básica, do pai, continua nos ferros dos filhos, que varia nos detalhes, segundo a ordem. Veja-se que o filho mais velho tem uma “meia-fulo” exatamente do outro lado da de seu pai.

Também pode-se usar a marca de família e os números para os filhos, pela ordem de nascimento: 1 - 2 - 3 - 4, etc.

Sobre os “signaes”, incisões nas orelhas dos animais, outra forma ru-

diminuir de assinalar o gado, não é motivo agora, neste trabalho, de maior estudo.

Nos ferros a simetria é perfeita, obra do artesão consciente. E há desenhos estranhos, icônicos, simbólicos, artísticos:



Como num espelho as imagens se invertem e mudam de dono. Direita e Esquerda têm muita importância. Retas, curvas, essa geometria primitiva concretiza na percepção ótica o abstrato de sua representação.

Há até mesmo a cidade de nome "Pau-dos-Ferros" no Rio Grande do Norte, cuja origem está na "árvore em que os vaqueiros da região circunvizinha gravavam a marca ou ferro da propriedade a fim de permitir a identificação dos animais extraviados". (Enciclopédia Barsa)

Embora não seja tarefa das mais simples, essa "leitura" das relações inter-sígnicas dos ferros de marcar o gado levou-me a um dos possíveis sentidos do processo aí utilizado.

Tomado como base uma das definições de Charles Sanders Peirce (6) "Um signo, ou **representamen**, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirigi-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado, denomino **interpretante** do primeiro signo".

Sem dúvida temos um processo dinâmico e geracional. A semiose se dá numa relação triádica, indo além das "duas faces de uma folha de papel" na sistemática de Saussure.

Segundo Peirce, a natureza do interpretante depende do modo de representação do objeto no signo. Assim o signo vai concentrar dimensões de

6 PEIRCE, C. Sanders, *Simiótica*, S. Paulo, Perspectiva, 1977, p. 46.

um mesmo objeto e desenvolver seus interpretantes que são por ele determinados e, ao mesmo tempo, autodeterminantes por serem, igualmente, signos.

Desse modo, o objeto imediato está contido no próprio modo de sua apresentação no signo, e entra em correlação dinâmica para agir como força propulsora na mente que interpreta e gera os três tipos de interpretantes do signo:

1 – interpretante em nível de primeiridade (interpretante imediato): provoca na mente interpretadora apenas a captação sensível de sua qualidade, que é um signo,

2 – interpretante em nível de secundidade (interpretante dinâmico): provoca uma reação ativa da mente interpretadora;

3 – interpretante em nível de terceiridade (interpretante final): provoca na mente interpretadora o reconhecimento das normas estabelecidas pelo uso comum e desenvolvidas sob a forma de leis que caracterizam convenções e hábitos.

Assim, a descrição dos sistemas sógnicos, se dá, em síntese, também de acordo com três pontos de vista (7):

“a) **do ponto de vista das relações inter-sógnicas**, ou seja, do ponto de vista das relações que um signo qualquer mantém com os demais signos pertencentes ao mesmo enunciado. Seria o estudo da **função sintática**.

b) **do ponto de vista das relações de um signo para com o seu objeto**, ou melhor, relação do signo enquanto veículo de informação para com o seu **denotatum**. Seria o estudo da **função semântica**;

c) **do ponto de vista das relações do signo para com os seus usuários**, quer dizer, relação do signo com o remetente e o destinatário. Seria o estudo da **função pragmática**”.

Embora controversa, até mesmo nos adeptos das teorias de Peirce e Morris, essa tripartição é que tem orientado, de modo geral, os estudos nesse campo.

Parece-me que autores interpretadores dessa teoria se esquecem muitas vezes de dinâmica desse processo e das relações entre esses pontos de vista. Num triângulo, afinal, temos também uma linha em geração contínua a partir de determinado ponto, no caso o próprio signo. Daí o perigo da estratificação ou hierarquização desses mesmos ângulos. Procedimentos mentais também dificilmente se esquematizam com rigidez.

Peirce e Morris deixaram uma classificação dos signos, bastante útil para entender a complexidade da representação sógnica. Índices ou sinais não convencionais são chamados signos naturais porque o relacionamento

7 LOPES, Edward, *Fundamentos da Lingüística Contemporânea*, São Paulo, Cultrix, 1976, p. 17.

no processo de comunicação não se dá entre pessoas, mas entre um índice da Natureza e o receptor-interpretador desse sinal.

Entre os signos culturais ou artificiais, temos o símbolo, parcialmente motivado, como é o caso da cruz, símbolo do Cristianismo porque está associado ao martírio de Cristo, numa cruz. Outros signos artificiais são as tabuletas, apitos, fórmulas e, é claro, os signos lingüísticos ou verbais, cuja arbitrariedade é talvez o fator que melhor os caracterize.

Finalmente o ícone ou imagem, tido como um sinal não-sígnico por incluir uma relação necessária entre a parte que expressa formalmente o conteúdo, o significante, e o conteúdo expressado ou significado. Uma fotografia é um ícone. No sistema da Língua as onomatopéias são consideradas elementos icônicos.

É verdade que isso demanda muito mais abrangência e particularização, porém a intenção deste trabalho é outra.

Voltemos portanto ao nosso ferro de marcar boi, animal e gente. Escravos negros, na realidade não menos negra de nossa história, também eram ferrados. Afinal Lampião, ao ferrar suas vítimas com o seu ferro, ratificava na violência desse ato a sua assinatura, o seu signo de cangaceiro poderoso e temido.

Mesmo com base numa tradição secular, o ferro de marcar não deixa de ser um signo utilitário.

Utiliza um material que, embora num sistema de produção artesanal, requer seu operário: ferro e ferreiro.

Mas com uma ética especial, de valores e normas que não se enquadram no mero consumismo de nossos dias. E uma complexidade não menos fascinante.

Sem classificação ainda nosso signo, vejamos o funcionamento do processo, segundo a teoria vista:

Signo: o visual, o desenho, a forma "ferrada" no animal;

Objeto: a fazenda ou a propriedade a que pertence o ferro, iniciais do dono, marca do dono;

Interpretante: efeito que gera o significado, mais reações a esse processo.

A nível de primeiridade, o receptor configura as formas desse signo: letras em simetria ou desenho.

A nível de secundidade, a relação semântica, "símbolo" da posse: identifico o dono do animal marcado com esse ferro.

A nível de terceiridade: iniciais apenas, um desenho rústico, um belo exemplo de artesanato, violência, posse, misticismo, superstição etc.

Evidentemente que, a nível de primeiridade, da comparação de formas, do pensamento analógico, icônico por similaridade, temor sincronia e, em nível de terceiridade, de pensamento relacional, simbólico, temos diacronia. Ambos em inter-relação não menos evidente.

Dáí que, utilizando as palavras de Décio Pignatari (8), concluir: "É

por esta razão que um ícone, repetido e organizado, se transforma em signagem, em sistema de signos; é por esta razão que uma signagem ou um elemento dela, isolada do sistema, reverte ao ícone, a uma possibilidade”.

O ferro de marcar que normalmente teria como função apenas identificar a rês ou animal de padrão em outrora campos abertos, não cercados, cerca-se no entanto de uma rede de interpretações sgnicas, muito maior que sua intenção primitiva. Sua estética de representação já é um índice desse processo pois, isolando uma letra ou um sinal, reverte ao ideograma, denotando e conotando relações outras, em dinâmica.

Metalinguagem o interpretante continua gerando significações. Afinal, a própria significação tem como recurso a língua natural que lhe serve de fundo. O ferreiro, executor e muitas vezes artista-criador, interage com o dono do ferro, criador-usuário. O receptor, o vaqueiro, o ladrão de gado, os vizinhos, ou o pesquisador, ou você, recebemos dessa marca agora invertida mais que uma leitura metonímica. Uma rede de inter-relações e expectativas.

Na memória coletiva e cultural um sistema de signos (ideogramas, **graffiti**, hieróglifos (?)) que modeliza o mundo sertanejo sob a perspectiva de sua dinâmica social e fundiária: um sistema sobretudo de posse e não posse. Um símbolo de Poder.

ELIZABET GOLÇALVES MOREIRA

Nasceu em Petrolina-PE

Pós-Graduada em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP

Professora de Ligüística

Produtora e apresentadora de programa cultural nas Rádios de Petrolina e de Juazeiro (BA).

Fundadora do Clube Drumoniano de Petrolina (PE)

OBRAS PUBLICADAS

- “Os Relâmpagos de Murilo Mendes”.
- “Paralelas”
- “Museu do Sertão”
- “O Poder no Texto”
- “Oxímoros Drumondianos”
- “Aboio”

Apresentou a Comunicação livre, no V Congresso Brasileiro de Teoria sob o nome “Murilo Mendes: a poesia na prosa”.